

MEMÓRIA CAMPINEIRA (26)

CAMPINAS NAS MEMÓRIAS DE MENOTTI DEL PICCHIA

Eu ia cursar o ginásio. O Ginásio “Culto à Ciência”, da capital do oeste, a orgulhosa Campinas, era, com razão, a mais prestigiosa casa de ensino no gênero de todo o Brasil. Basta dizer que no seu corpo docente contava com Coelho Neto, César Bierrenbach, Américo de Moura, Camilo Vanzolini, Gustavo Enge e outros grandes nomes das letras, da tribuna e do magistério.

Campinas guardava o orgulho de ter sido o mais preocupante rival da metrópole paulista. O café e o fato de ser ponto de irradiação do sistema ferroviário da Mogiana davam-lhe pompas de rainha. Sua população era orgulhosa. Sua aristocracia cafeeira, fechada. Sua sociedade, culta e fidalga. Sua política, dominante, pois ali haviam surgido nomes dos mais prestigiosos para o advento da República: Campos Sales, Francisco Glicério, Bento Quirino e outros, eram “gros-bonets” do novo regime. A cidade, já grande e bela, tinha uma população rica. Orgulhava-se de, não raro, ostentar a primazia da estréia de famosas companhias teatrais — drama e ópera — acolhendo também notáveis “virtuosos”. Carlos Gomes, seu grande filho, era como o nume tutelar da arte de um medalhão com sua figura leonina ornava a frente do teatro que veria na sua ribalta a Duse, Novelli, sopranos e tenores famosos. Lembro-me da festa os campineiros inauguraram o monumento do “Tônico”, o criador de “O Guarani”, escultura magistral de Rodolfo Bernardelli. A recepção que deu a Santos Dumont, um mineiro quase campineiro, pois, sua fazenda, na qual formara o espírito localizava-se nos arredores do município. O que, porém, me ficou viva na memória foi representação da *Pastoral*, de Coelho Neto. Toda a aristocracia local agitou-se para dar esplendor à obra dramática do mestre. A indumentária, riquíssima, movimentos os “ateliers” de costura, os cabeleireiros esmeraram-se na sua arte para dar à peça o esplendor que merecia e à platéia a graça aristocrática que se prognosticava para aquela noite a qual ficou memorável nos fastos culturais da cidade.

(*A longa viagem*. São Paulo, Martins, 1970, pp. 75/76).